

## **Realismo como Fundamento Empírico ou Ideias**

Angela Gonçalves – PUC-RS

**Resumo:** O presente artigo tem a finalidade de mostrar a influência do ceticismo na estratégia cartesiana para chegar à primeira verdade. Apresenta também como Descartes define ideias. Mostra também a crítica de Thomas Reid à teoria das ideias cartesiana e a opção de Thomas Reid contra o ceticismo: “a teoria do senso comum”. Explica o que é essa teoria e por fim, defende-se o ponto de vista de que o realismo é a opção mais viável para o conhecimento empírico.

**Palavras-chaves:** Ceticismo; Teoria das ideias; Realismo; Teoria do senso comum.

**Abstract:** This article intends to show the influence of skepticism in the Cartesian’s strategy for arriving to the first truth. It presents how Descartes define the ideas. It also shows the criticism of Thomas Reid to the Cartesian’s theory of ideas and the option of Thomas Reid against the skepticism: “the theory’s of common sense”. It shows what is this theory and finally, it shows point of view about realism in the empirical knowledge.

**Keywords:** Skepticism; The theory of ideas; Realism; The theory of common-sense.

### **1. Introdução**

Filósofos antigos e modernos dispenderam muito tempo para descobrir como percebemos os objetos exteriores pelos nossos sentidos. Parece haver uma uniformidade muito grande nos pontos principais, ainda que existam variações em pontos particulares. Como primeiro exemplo para ilustrar a nossa maneira de perceber os objetos dos sentidos, Platão pressupõe uma caverna escura, em que homens se encontram amarrados de tal maneira que só podem direcionar seus olhos a uma parte da caverna. Existem alguns raios de luz sobre uma parede da caverna que está diante dos olhos dos prisioneiros. Estes só veem as sombras das pessoas que passam por ali, mas não as próprias pessoas. Dessa maneira, esse filósofo concebeu que, pelos nossos sentidos, não percebemos as próprias coisas, mas as sombras das coisas somente. Parece ter emprestadas essas noções dos pitagóricos e provavelmente do próprio Pitágoras. Aristóteles, aluno de Platão, parece também corresponder sobre as opiniões de seu mestre. A escola peripatética com as suas espécies e fantasmas podem muito bem representar as sombras de Platão.

Também John Locke e Descartes pressupõem que os objetos exteriores não são vistos diretamente, aquele através de certas sombras e, este, através de ideias.

Fato é que esses filósofos, desde Platão até Hume, concordam que não percebemos os objetos exteriores imediatamente, somente certas sombras de objetos exteriores.

Filósofos modernos, como Descartes, acreditam nas ideias como meio de representar a realidade dos objetos exteriores.

## **2. Ceticismo como estratégia cartesiana para chegar à primeira verdade**

O ceticismo pirrônico teve origem na Grécia antiga. Foram estes textos que tiveram uma contribuição para o surgimento do pensamento cético no início da filosofia moderna, em especial nos escritos de Montaigne (1533-1592).

Segundo Sexto Empírico, “o Ceticismo é faculdade de opor as coisas que aparecem e os conceitos de todos os modos possíveis e disto se chega, por causa da força igual das coisas e das razões opostas, à suspensão do juízo, e assim, à ataraxia (paz de espírito)”. (Empírico, 1948, p. 116). Ainda, “o princípio e a causa do Ceticismo são, segundo nós, o desejo da ataraxia” (Empírico, 1948, p. 117). Ademais, Sexto Empírico diz que “a

finalidade do cético é a ataraxia em questões de opiniões e a moderação quanto ao necessário”. (Empírico, 1948, p. 14-17).

Depreende-se do supracitado que o ceticismo de Sexto Empírico preconiza a suspensão do juízo e a ataraxia (tranquilidade). O ceticismo pirrônico (Pirro de Élis), do qual Sexto Empírico foi influenciado, é um ceticismo que dá ênfase à suspensão do juízo.

Descartes nas **Meditações Metafísicas**, em especial na **primeira Meditação**, ao desfazer-se das antigas opiniões, que eram fundamentadas nos sentidos, utilizou a dúvida hiperbólica, influenciado pelos cétricos para chegar a primeira conclusão: de que nada existia. Na **segunda Meditação**, Descartes descobre a primeira verdade, o *Cogito*. É a primeira ideia clara e distinta na sua consciência. É uma intelecção pura do espírito.

É mister dizer que Descartes não é um cético, pelo contrário, utilizou-se da estratégia cética justamente para chegar a primeira verdade clara e distinta.

### **3. Ideias para Descartes**

A epistemologia cartesiana é representacional, quer dizer que, ao conhecer o mundo sensível eu tenho a ideia de objetos, e não os objetos diretamente.

*Realismo como fundamento empírico - Gonçalves*

Uma das definições de ideia é assim asserida pelo autor quando responde a Hobbes: “Tomo pelo nome de ideia tudo o que é concebido imediatamente pelo espírito”. Concepção pelo espírito, pelo intelecto, não são as coisas materiais em si, mas as ideias de coisas. Ainda Descartes apresenta outra definição de ideia. Para ilustrar a passagem de “imagens das coisas”, Descartes, na Meditação terceira, diz assim:

Entre meus pensamentos, alguns são como as imagens das coisas, e só àqueles convém propriamente o nome de ideia: como no momento em que eu represento um homem ou uma quimera, ou o céu, ou um ano, ou mesmo Deus. Outros, além disso, têm algumas outras formas: como, no momento em que eu quero, que eu temo, que eu afirmo ou que eu nego, então concebo efetivamente uma coisa como o sujeito da ação de meu espírito, mas acrescento também [...]. (DESCARTES, 1983, p.109).

Ideias como imagens das coisas são representações, imagem assemelha-se à ideia, a imagem é puramente intelectual.

Mas o autor também diz que as ideias não se referem somente àqueles objetos percebidos diretamente pela mente, mas também os representados pela imaginação e pelos sentidos. Depreende-se que uma ideia sensível consiste na percepção que o espírito faz de um objeto sensível. É uma ideia sensível. O que antes era percepção sensível dos objetos agora é uma percepção intelectual.

Descartes afirma que a ideia é uma representação, uma representação de coisas como nas suas palavras “como a imagem das coisas”. Mas, o que é coisa para o autor? Quer dizer que nas ideias essa “coisa” não é um puro nada, são seres. Ou existem fora do pensamento ou estão somente no pensamento como quando imagino uma quimera.

O autor faz um inventário das ideias e classifica-as assim: umas nascem com ele, chama de ideias inatas como por exemplo, a ideia de um triângulo, o triângulo que existe na própria ideia não

pode ser mudado. Quanto às ideias adventícias, afirma Descartes: “E o que devo fazer principalmente neste ponto é considerar, no tocante àquelas que me parecem vir de alguns objetos localizados fora de mim, quais as razões me obrigam a acreditá-las semelhantes a esses objetos.” (DESCARTES, 1983, p. 110).

São aquelas causadas por coisas situadas fora da mente, tais como ver uma estrela, o sol, ou sentir o calor do fogo. Estas ideias não estão sujeitas à vontade. É uma inclinação natural que leva-nos a acreditar na existência de coisas materiais exteriores. Tal inclinação não é confiável, pois não garante a verdade.

Quanto às fictícias, são meras invenções, são produzidas pelo próprio sujeito. Tem-se como exemplo as sereias, as quimeras, podem ser descartadas ou trazidas à mente.

#### **4. Realidade objetiva das ideias**

Descartes introduz essa ideia nas **Primeiras réplicas**, ele diz que a “realidade objetiva” ou “ser” é

apenas o próprio objeto, tal qual existe no intelecto.

Nas **Meditações** o autor diz assim:

[...] mas, enquanto umas representam uma coisa e as outras uma outra coisa, é evidente que estas mesmas ideias são bastante diferentes umas das outras. Pois, sem nenhuma dúvida, aquelas me representam substâncias são algo mais e contêm em si, por assim falar, mais realidade objetiva do que aquelas que representam somente modos ou acidentes. (DESCARTES, 1983, p.111).

Por representarem conteúdos diversos, as ideias diferem entre si. São diferentes em razão dos seus conteúdos. Pode-se dizer que a realidade objetiva são os conteúdos que a ideia representa como coisa, como entidade na consciência.

## **5. A crítica de Thomas Reid à teoria das ideias cartesianas**



A epistemologia da segunda metade do século 20 e do século 21 percebeu a retomada de Reid, em especial a crítica e rejeição à “teoria comum das ideias” que ganhou espaço como uma alternativa à natureza do conhecimento, e, em especial, à teoria da percepção.

Reid faz críticas contundentes à teoria das ideias, em especial aqui neste artigo, à teoria das ideias em Descartes.

Para Descartes é indubitável que o sujeito pensante tem consciência de que algo aparece na consciência, quer dizer, existindo ou não antes fora do pensamento. Aquilo que é representado na consciência se torna o próprio objeto. Representar significa ser o substituto de uma realidade na consciência.

Reid diz que é aí que Descartes comete o grande erro, pois o resultado do método da dúvida hiperbólica faz com que o sujeito tenha mais certeza sobre as coisas na mente, as ideias, e não das coisas fora da mente, e isso leva ao ceticismo sobre o mundo exterior. Esse é o ponto da crítica de Reid a Descartes. Reid diz que

a teoria das ideias é ineficiente, porque não justifica se há uma explícita contiguidade (ligação) entre mente e mundo exterior, tal contiguidade, implícita nas ideias, é inevidente. Como a ideia é formada ou o que ela representa, não é autoevidente e, portanto, deve achar argumentos pelos quais da existência da ideia que eu percebo, eu possa inferir a existência de um objeto exterior que o representa. (REID, s/data, s/página).

De onde surgem as ideias: 1) Direto dos objetos (Realismo); 2) Primeiro na mente (Idealismo). No caso “2” é preciso “dar razões” (argumentar) para provar que as ideias correspondem aos objetos.

Reid diz que Descartes diz que “O que é imediato do pensamento é a ideia”, e Reid diz que se Descartes pensa assim, então ele tem que assumir a concepção de que existem dois objetos: a) o 1º é o objeto imediato do pensamento, b) o 2º é o objeto do mesmo pensamento, mas não o objeto imediato. (REID, s/data, s/página).

Reid diz que é um dito difícil, ou seja, gera uma ontologia difícil de conceber: afinal, ele faz com que todo pensamento de coisas exteriores tenha um duplo objeto. Ainda Reid afirma: “Na percepção, na lembrança e na concepção ou imaginação, Reid distingue 2 coisas: - a mente que opera e o objeto daquela percepção ou operação. O objeto percebido é uma coisa e a percepção daquele objeto é outra coisa.” (REID, s/data, s/página).

E Reid diz: “Descartes introduziu uma 3ª coisa: a ideia do objeto que é o objeto imediato. Descartes confunde o objeto percebido com a percepção daquele objeto e representa um e outra (objeto mais percepção) como uma e a mesma coisa.” (REID, s/data, s/página).

Reid separa os atos mentais como perceber, imaginar, lembrança do objeto percebido. São coisas diferentes, mas Descartes une na ideia, percepção mais objeto.

Outro ponto da crítica de Reid é que ele diz:

Que Descartes, às vezes, localiza a ideia de objetos no cérebro e, às

vezes, diz que não devemos conceber as imagens de objetos no cérebro como sendo percebidos. Descartes ainda diz que esses traços ou imagens são somente ocasiões em que, pelas leis do corpo e da alma, as ideias são excitadas na mente e, portanto, não é necessário que haja uma semelhança exata entre os traços ou imagens e as coisas representadas por elas. Reid diz que essas duas opiniões não podem ser reconciliadas. Se as imagens ou traços do cérebro são percebidas, não podem ser consideradas como ocasiões da percepção somente. Em contrapartida, se existem somente ocasiões da percepção, elas não são percebidas totalmente. (REID, s/data, s/página).

Ocasões não podem ser consideradas como representação, como percepção. As percepções são efetivas, não ocasionais, se não, não podem ser consideradas percepções. Ou são percebidas, ou não são.

Outra crítica de Reid à Descartes é:

Que Descartes oscila no que diz respeito ao crédito que é devido ao testemunho dos sentidos. Algumas vezes, Descartes diz que Deus não é enganador, infere que os sentidos e as nossas outras faculdades não podem ser falaciosas. Em outro momento, Descartes diz que os sentidos enganam. (REID, s/data, s/página).

Descartes começa pondo em dúvida os sentidos, dizendo que se eles nos enganam algumas vezes devo assumir que **podem nos enganar sempre**. Depois ele põe até aquilo que não depende dos sentidos, a aritmética, em dúvida, através da hipótese do gênio maligno.

Mas lá adiante Descartes diz que Deus não pode ser enganador, então, mesmo que os sentidos possam enganar muitas vezes, eles **não podem nos enganar sempre, logo o primeiro ponto contradiz com o terceiro, segundo Reid**.

Parece haver uma contradição aqui. Uma vez que se é enganado pelos sentidos, sempre eles enganarão. Mas Deus não é enganador, portanto os sentidos não podem nos enganar. Dois planos se

estabelecem para pôr em dúvida os sentidos: o plano do ser e outro metafísico: Deus. Descartes entra em conflito entre estes dois planos, por isso a contradição.

## **5. A teoria geral do “senso comum”**

Em oposição ao ceticismo, Reid lança a sua teoria geral do senso comum. Senso para o autor significa juízo. Todos os homens razoáveis concordam em coisas que são autoevidentes. Razão ou juízo é a capacidade para julgar coisas comuns de que as pessoas de capacidade mediana são capazes.

Esta teoria preconiza que o grau de juízo que é comum a toda a humanidade, tem um aparato cognitivo bom, razoável em questões autoevidentes capaz de discernir o que é verdadeiro e o que é falso quanto ao conhecimento do mundo sensível. A autoevidência é baseada na crença que todo ser humano tem, naturalmente, na existência de objetos do mundo sensível, porque os sentidos em condições normais, não são falaciosos.

Reid vai tratar de como é que se explica que nós, perceptualmente, conhecemos o mundo. A percepção é um ingrediente fundamental na maneira de conhecer o mundo sensível, todavia ela envolve a concepção também. Segundo Pich:

A relação direta entre mente e mundo exterior material pode ocorrer tanto na concepção como na percepção (envolvendo, nesse caso, é útil enfatizar a segunda característica da percepção segundo Reid, a saber, que toda percepção (que inclui a concepção do objeto exterior) envolve a convicção da existência do objeto percebido- em que o “objeto percebido” nada mais é que o objeto concebido, com o acompanhamento de uma sensação, da qual se está consciente, adicionando-se a isso a geração de um juízo de existência presente sobre o objeto. (PICH, 2010, p. 152).

Fazem parte do conhecimento do mundo sensível a concepção, a percepção, a sensação e um juízo perceptual. O juízo perceptual funciona como

uma verdade evidente sobre o objeto. A sua evidência é um princípio primeiro do senso comum.

Reid diz que toda a percepção do objeto é um ato mental e envolve três noções: a) alguma noção ou concepção do objeto percebido; b) uma forte e irresistível crença da sua existência presente; c) que essa convicção e crença são imediatas, e não efeito de raciocínio. Imediatas porque não se fundamentam; não são inferenciais. A percepção é imediata, está relacionada à convicção de algo realmente presente. O objeto da percepção é exterior. Logo a percepção não envolve representação. Reid vai defender o caráter direto da presença do objeto. Então, o contato com o mundo exterior, é a percepção que vem imediatamente acompanhada pela concepção da mente de um objeto existente, cujos órgãos dos sentidos sofrem a impressão do mundo exterior juntamente com um juízo perceptual. Este é uma operação mental e tem verdade evidente sobre o objeto. Ele (o juízo) funciona como um primeiro princípio do senso comum, é um princípio constitutivo. Toda percepção envolve concepção e



juízo perceptual. O juízo é correto quando a concepção é distinta.

## **6. Considerações finais**

Descartes é considerado um filósofo idealista, justamente por representar os objetos sensíveis na mente através das ideias. O conhecimento para o autor se dá através das ideias como vimos. Tudo é representação de coisas, entes. Existindo ou não entes fora do pensamento é inevitável que o sujeito pensante tem consciência dos atos de seu pensamento.

Reid é um filósofo realista ao defender o conhecimento do mundo sensível diretamente, sem representações através das ideias. O conhecimento é direto via percepção que envolve concepção e juízo perceptual. Este autor acredita no caráter, naturalmente, não falacioso dos atos mentais. É uma filosofia externalista e falibilista, pois acredita na razoabilidade em questões autoevidentes.

Segundo Landim, o problema em Descartes é “a tese fundamental que afirma a imediata e

indubitável acessibilidade aos atos da consciência pelo sujeito desses atos, e o problemático acesso às 'coisas mesmas' que existem fora do pensamento.” (FILHO, 1992, 56).

O subjetivismo cartesiano pode trazer problemas empíricos, será que nas ideias está mesmo o objeto do mundo sensível ou o represento na mente porque tenho a concepção deste objeto? A percepção percebe as ideias de coisas.

Para Reid, perceber é uma coisa e o objeto é outra coisa. Esta ação de perceber é considerada por ele como um ato mental assim como imaginar, lembrar. Existe a mente que opera e o objeto da percepção. Já Descartes introduziu a ideia do objeto. Percepção e objeto é a mesma coisa que estão representados na ideia, que conforme Reid, é a terceira coisa que Descartes introduziu.

Descartes acredita que os sentidos podem nos enganar sempre, talvez por isso não acredita na percepção direta dos objetos. Reid, ao contrário de Descartes, acredita no caráter constitutivo dos atos mentais como primeiros princípios.. Ao perceber um

objeto, estou percebendo de fato, concebendo-o pela mente acompanhado de sensação, respectiva ao uso dos órgãos sensórios, estes sofrem a impressão dos objetos do mundo exterior. A confiança nos sentidos está garantida pelo caráter naturalmente não falacioso das operações mentais, isso é um primeiro princípio para Reid. Os sentidos nos fornecem uma crença verdadeira, imediata, não inferencial dos objetos e evidente.

Acredita-se que a filosofia do senso comum é mais convincente que a cartesiana. Quando percebo um objeto do mundo sensível, o percebo de fato, meus atos mentais através dos sentidos me fornecem esta verdade naturalmente. Eu não tenho a ideia, por exemplo, de uma cadeira, pois estou vendo-a realmente. Meu juízo perceptual está me confirmando, é claro que em condições normais, no meu reto juízo. O que percebo imediatamente é um objeto e não a ideia do mesmo.

A concepção-percepção tem um desempenho natural, não falacioso. Quando percebo um objeto do mundo sensível, imediatamente concebo-o. Negar-se a

admitir a característica da natureza da percepção-concepção, no que tange ao conhecimento do mundo exterior, é quase um insulto.

## **Referências**

Descartes, R. 1983. *Meditações Metafísicas*. São Paulo: Abril Cultural, 3ª ed. Coleção ‘Os Pensadores’.

\_\_\_\_\_.1953. *Discours de la méthode: seconde partie*. In: Descartes, R. *Œuvres et lettres*. Paris: Bibliothèque de La Pléiade.

Empiricus, S. 1948 *Ouvres Choisis de Sextus Empiricus*. Paris: [editor desconhecido].

Filho, R. L. 1992. *Evidência e verdade no sistema cartesiano*. São Paulo: Ed. Loyola. Coleção ‘Filosofia - 232’.

Pich, R. H. 2010. Thomas Reid sobre concepção, percepção e relação mente-mundo exterior. *Revista Veritas*, v. 55, n. 2, maio/ago. p. 144-175. Porto Alegre: PUCRS.

Reid, T. S/data. *Ensaio sobre os poderes intelectuais do homem*.